



A Cobertura Ambiental nos jornais impressos de Salvador: Um panorama das notícias sobre o meio ambiente nos jornais A Tarde e Correio*.¹

Raíza Tourinho dos Reis SILVA²

Simone Terezinha BORTOLIERO³

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

Resumo

Esta pesquisa foi realizada com intuito de analisar a cobertura jornalística sobre o meio ambiente nos dois principais veículos impressos da Bahia, o Jornal A Tarde e o Correio*. Fruto da análise quantitativa de 150 materiais jornalísticos em 41 jornais entre os meses de Julho e Dezembro de 2009, este artigo pretende construir um panorama da produção local de notícias sobre o meio ambiente.

Palavras-Chave: Jornalismo Ambiental, A Tarde, Correio*, Meio Ambiente, jornais impressos.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante do 5º semestre do curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo FACOM-UFBA, e-mail: raizatourinho@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Facom – UFBA e Vice-Presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico email: bortolie@gmail.com



Introdução

As mudanças climáticas, os desastres ambientais e a consciência que o meio ambiente humano é finito e deve ser preservado, são problemáticas que resultam em uma grande produção de notícias que abordam a questão ambiental. No entanto, apesar de uma quantidade de matérias voltadas ao meio ambiente, poucas vezes há o tratamento adequado na construção das notícias.

Os jornais impressos locais, principalmente devido à falta de recursos, humano e/ou financeiro, frequentemente veiculam matérias superficiais e descontextualizadas, sendo algumas até reproduzidas integralmente de releases distribuído por assessorias de imprensa ou vindas de agências de notícias.

A superficialidade existente nas notícias acaba tornando o jornal impresso apenas meio de veiculação de fatos, destoando da importância fundamental que possui na sociedade moderna, carente de mediadores entre os fatos e as pessoas. Na cobertura ambiental este aspecto acentua-se ainda mais, uma vez que a temática ambiental é complexa e envolve diversos fatores.

A abordagem ambiental carece de cuidados visto que, muitas vezes a simplificação das matérias sobre meio ambiente, principalmente sobre desastres ambientais no qual são utilizados tons alarmistas, gera um efeito inverso ao que se espera, causando ao leitor, por exemplo, a sensação de que nada pode ser feito.

O jornalismo ambiental

O jornalismo ambiental é enquadrado como uma *subárea* do jornalismo científico, visto que trata do meio ambiente, uma área específica da ciência. Segundo Girardi (2009), a principal distinção entre o Jornalismo Científico e o Ambiental, está na limitação do Jornalismo Científico aos aspectos técnicos e científicos enquanto o Jornalismo Ambiental vai além das ciências ambientais ao incluir fontes diretamente envolvidas com a ação ou o tema em questão.

O jornalista, para tratar adequadamente da questão ambiental, deve, segundo Bueno (2007), possuir uma visão sistêmica, ou seja, ter a percepção que “as pessoas, a natureza, o meio físico e biológico estão umbilicalmente conectados”. Infelizmente não é o que acontece na cobertura das mídias locais sobre o meio ambiente que, não raro, oferecem matérias descontextualizadas, provocando a sensação de que não há conexão entre o meio ambiente e a sociedade.



Esta construção jornalística é vista, por exemplo, em matérias sobre a cobertura dos rios soteropolitanos, no qual, os jornais apenas relatam as obras realizadas pela prefeitura e as vantagens para a população local, como a construção de praças, sem levantar as conseqüências para o meio ambiente. Perdendo assim, uma importante oportunidade de promover o diálogo com a sociedade.

Para Bueno (2007), cabe o jornalismo ambiental não apenas informar, mas também explicitar as causas e soluções para os problemas ambientais além de mobilizar os cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental. Apesar do jornalismo ambiental ser, sobretudo, jornalismo, este deve possuir certas peculiaridades,

O Jornalismo Ambiental deve propor-se política, social e culturalmente engajado, porque só desta forma conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até de universidades e institutos de pesquisa, muitos deles patrocinados ou reféns dos grandes interesses (...) [ele] não pode comprometer-se com a isenção porque participa de um jogo amplo (e nada limpo) de interesses. Não deve admitir-se utópico porque fundado na realidade concreta, na luta pela qualidade do solo, do ar, da água, da vida enfim.

(BUENO, 2007, Pgs. 29 e 30)

A prática do jornalismo ambiental ainda é permeada de dificuldades. Um dos problemas mais freqüentes é a espetacularização da notícia. Segundo Victor (2009) “quando as reportagens apelam para o catatofismo, o maior risco é provocar o imobilismo da sociedade, uma vez que tudo parece perdido e de nada adianta lutar”.

Deste modo as notícias seriam feitas para provocar uma comoção midiaticamente mensurada. Para Oliveira (1996) “Os problemas são denunciados mais pela denúncia em si, pela sensação imediata que provocam, do que pela sua história, pelo contexto que se inserem”.

É o caso da cobertura jornalística sobre as chuvas, que assolam o estado sazonalmente, causando uma série de catástrofes na cidade, como a derrubada de casas pelos deslizamentos de encostas e a formação de pontos de alagamento que geram grandes congestionamentos no trânsito. A cobertura sobre as chuvas parece inalterada todos os anos, se restringindo a informar os acontecimentos gerados pelas chuvas.

A reportagem “temporal provoca alagamentos” exemplifica nitidamente a superficialidade da cobertura ao deter-se aos transtornos causados pelos alagamentos, sem nem ao menos mencionar uma das principais causas dos alagamentos, que é



justamente o entupimento dos bueiros com os lixos jogados pela população nas ruas. A educação ambiental dos cidadãos se faz imprescindível neste contexto, pois, se não evitaria a tragédia ocasionada pelas chuvas, ao menos atenuaria seus efeitos.

A segmentação do veículo em editorias ou cadernos é outra deficiência para o jornalismo ambiental, que necessita, sobretudo, de uma prática engajada e holística para levar ao leitor uma compreensão ampla dos acontecimentos. Segundo Bueno (2007) esta fragmentação desestrutura a perspectiva que deve ser sempre ampliada ao saber ambiental e empresta a cobertura olhares parciais.

O saber ambiental tem sido penalizado pelo chamado mosaico informativo que caracteriza a produção midiática, que lhe retira a perspectiva integrada e sua dimensão histórica, contemplando-o a partir de fragmentos de cobertura que descartam o contexto, as conexões e, portanto, o verdadeiro ‘ethos’ deste campo.

(BUENO, 2007, Pgs. 17, 18).

Esta visão segmentada dos acontecimentos acarretaria na dificuldade que os leitores tem “para entender a amplitude e a importância de determinados conceitos”, o que levaria a visão do meio ambiente como algo que lhe é externo.

A falta de contextualização é imposta muitas vezes pela rotina corriqueira do jornalista, que não tem tempo nem poder para aprofundar-se sobre a questão que escreve, resultando muitas vezes em relatos superficiais e desarticulados, restritos somente a um aspecto.

Ao abordar a cobertura do Encontro pelas Águas⁴, composta basicamente da reprodução do release de divulgação do evento, Oliveira dos Santos (2008) exemplifica a questão.

Havia tudo para que o Encontro tivesse grande repercussão na mídia, sobretudo porque tratava de questões de interesse local e da coletividade. O que deveria ser uma premissa não aconteceu, o noticiário local não contaminou o jornal, a cor local não foi impressa no noticiário.

(OLIVEIRA DOS SANTOS, 2008, Pg.09)

Loose (2008) elucida a complexidade da tarefa que cabe ao jornalismo ambiental, já que o jornalista precisa entender a complexidade e amplitude das questões ambientais e

⁴ Encontro que propõe a escuta e o diálogo entre o governo do estado e as comunidades tradicionais para a ampliação da participação da sociedade na política das águas e o fortalecimento da gestão dos recursos hídricos (Fonte: Ingá).



relatá-las para os leitores de maneira simples sem comprometer a essência da informação, em “espaços cada vez mais reduzidos, em velocidades cada dia maiores (...) cuidando para não ser irritantemente didático e até mesmo pedante”.

A cobertura

Historicamente, o mundo despertou para a ecologia em 1972, na conferência de Estocolmo. A cobertura jornalística sobre questões ambientais no Brasil foi fortemente marcada por eventos ambientais tal como a RIO 92, que emergiu a temática ambiental na sociedade brasileira.

Oliveira (1996) conta que à alguns meses da RIO 92 os jornais da grande imprensa começaram a cobrir diariamente os preparativos do evento, alguns deles chegando até a criar cadernos especiais para a temática. Apesar da cobertura se concentrar no próprio evento,

Foi também uma oportunidade única para os meios brasileiros trazerem a público a questão ambiental, e apontarem os principais problemas do país nesta área, intrinsecamente ligados à pobreza, e ao desordenamento político e econômico. Mas fica difícil afirmar que as denúncias destes problemas calaram fundo na alma dos brasileiros, e neles despertou uma nova consciência, mais ecológica, humanitária e universal.

(OLIVEIRA, 1996, Pg.64)

Segundo Victor (2009) o jornalismo ambiental nasceu “cobrindo tragédias e denunciando os abusos de um modelo de desenvolvimento econômico considerado socialmente perverso e ambientalmente insustentável”, desenvolvendo uma inclinação para a militância.

O jornalismo ambiental é militante e, como tal, tem a função primordial de utilizar a informação para educar, para despertar consciências. No entanto, deve-se ter cuidado para não exagerar, pois “ao lidar com tragédias e mazelas sociais decorrentes da degradação ambiental, o jornalismo tem a árdua tarefa de gerenciar as fronteiras entre militância e neutralidade” Victor (2009).

A predominância do marketing verde no jornalismo ambiental é outro aspecto com o qual se deve ter cuidado. Para Victor (2009) “ausência de visão crítica, despreparo profissional do jornalista e a dependência financeira do veículo para o qual trabalha são as três condições básicas para a propagação desta vertente”.

A divulgação das ações ambientais de certas empresas realizadas somente para autopromoção, por exemplo, ofusca as ações ambientais sérias e banaliza a cobertura



ambiental. A reportagem “Consumo Verde”⁵, veiculada na revista Muito, suplemento do jornal A Tarde, exemplifica a questão. Em cinco páginas, a reportagem enfatiza as empresas que trabalham com produtos ecologicamente corretos, focando o mote de que *ser eco é ser chic*.

Metodologia

Com o intuito de verificar a consistência e o tratamento dado à cobertura ambiental nos principais jornais da Bahia, esta pesquisa procurou estabelecer um panorama local das notícias que abordam o meio ambiente. Para tal, escolheram-se dois jornais impressos, o A Tarde e o Correio*, que possuem um número significativo de leitores, para compor a amostragem da pesquisa.

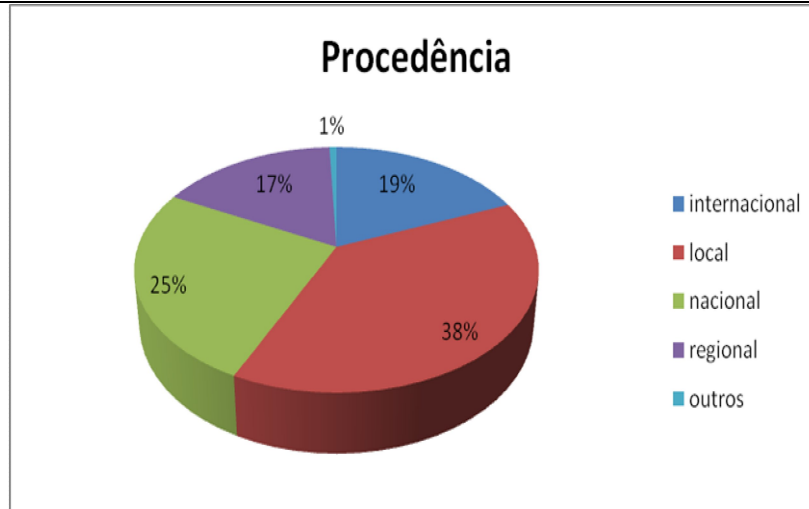
A análise quantitativa da cobertura dos jornais A Tarde e Correio* revelou que a temática ambiental é invariavelmente abordada nas notícias dos jornais. Foram encontradas 150 matérias (entre conteúdos constituintes do jornal impresso como reportagens, notas, fotos, colunas e editoriais, etc. Sendo excluída a publicidade, visto que o conteúdo não é produzido pelo veículo de comunicação) em 41 jornais entre os meses de Julho e Dezembro de 2009. Destes exemplares foram 25 do jornal A Tarde e 16 do jornal Correio*. Uma média de três notícias a cada dois dias.

Os exemplares dos jornais foram escolhidos aleatoriamente, desde que contemplados um exemplar de cada jornal por semana, dando preferência aos jornais de Domingo, por tradicionalmente conterem mais reportagens. Esta metodologia, denominada mês construído (Bueno, 2007), evita que a amostra seja contaminada por um evento ou fato em especial, a exemplo da Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (a COP15, ocorrida em Dezembro de 2009) a fim de estabelecer um panorama o mais fiel possível.

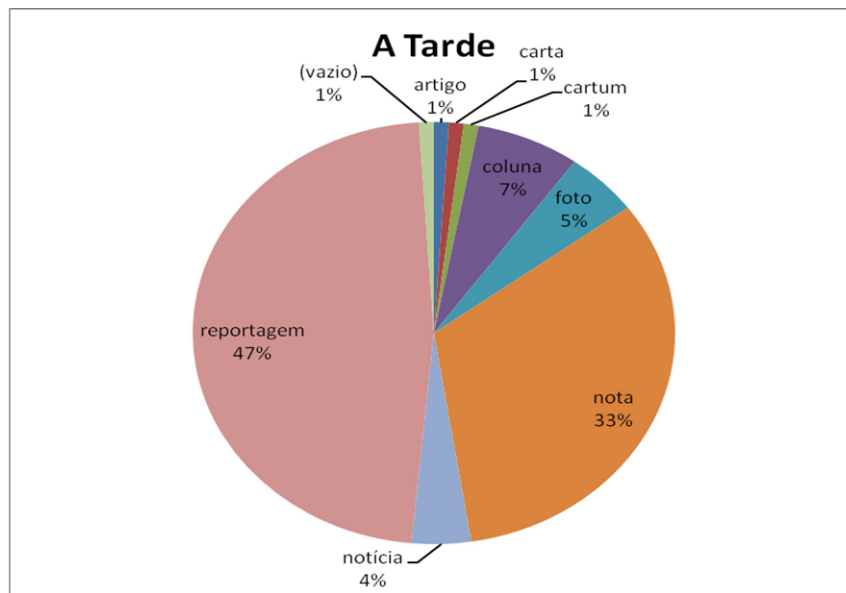
A análise

A análise da amostra revelou que, diferentemente dos jornais com abrangência nacional, como Folha de São Paulo e O Globo (Bueno, 2007), a maior parte das notícias são de procedência local (38%). No entanto, as notícias se concentram na Região Metropolitana de Salvador (RMS), tendo pouca cobertura regional (17%).

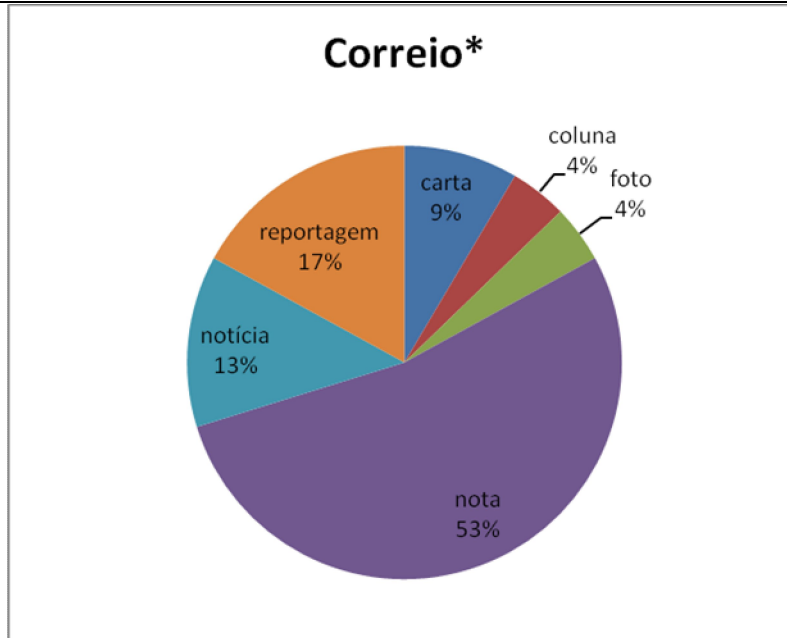
⁵ FUNKE, Katherine. 04 de Outubro de 2009. Revista Muito, Jornal A Tarde.



O Gênero de maior destaque variou entre os dois jornais. No jornal A Tarde a cobertura sobre a temática ambiental teve maior destaque nas reportagens, que totalizaram 47% do conteúdo coletado, sendo seguido pela nota (33%). A notícia, caracterizada pelas matérias jornalísticas que não são tão aprofundadas como a reportagem, nem tampouco abreviada como a nota, compôs apenas 4% da amostra, menos até do que as colunas (7%).

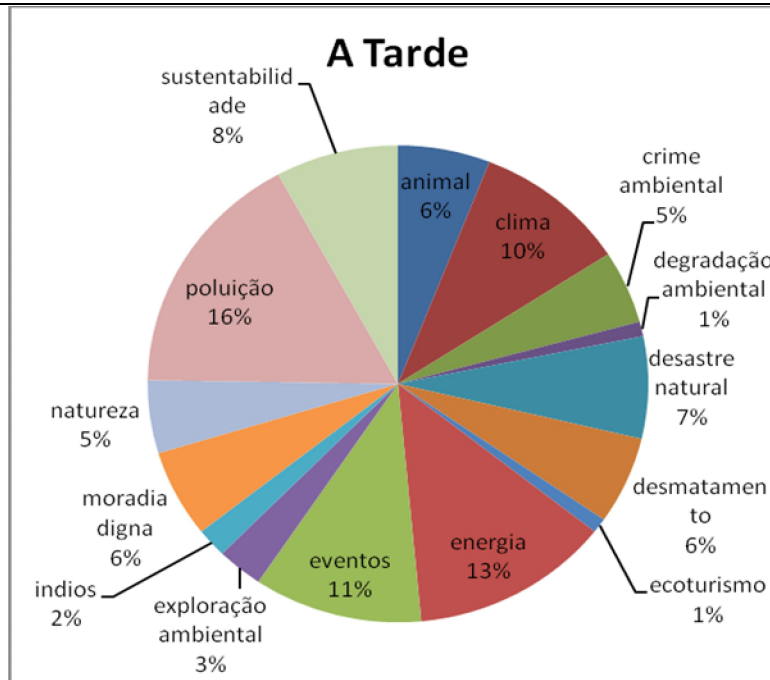


Já no Correio*, jornal no formato standard que utiliza predominantemente notícias curtas próximas da linguagem dos meios online, a cobertura ambiental foi fortemente constituída por notas (53%). A reportagem, gênero principal do jornalismo ambiental, por poder conter todas as problemáticas que cercam a questão ambiental, ocupou apenas 17% do conteúdo ambiental do jornal.



O tema mais abordado no jornal A Tarde foi a poluição (16%), sendo inclusos reportagens sobre a cobertura do Rio das Pedras e do rio da Centenário, sobre a poluição das praias, do ar etc. Seguido pela cobertura da questão energética (13%), que preocupa devido ao risco constante de apagão no país, sendo frequentemente proposto a construção de novas matrizes energéticas. Muitas vezes sem a necessária preocupação ambiental, como é visto na reportagem de página inteira “Bahia diversifica matriz energética”⁶, que apenas cita a preocupação dos ambientalistas sobre o tema, sem nem ao menos aprofundar e explicar as consequências ambientais da construção de empreendimentos como usinas termelétricas e nucleares no estado. Enfatizando somente a necessidade “urgente” da construção de novas matrizes de energia.

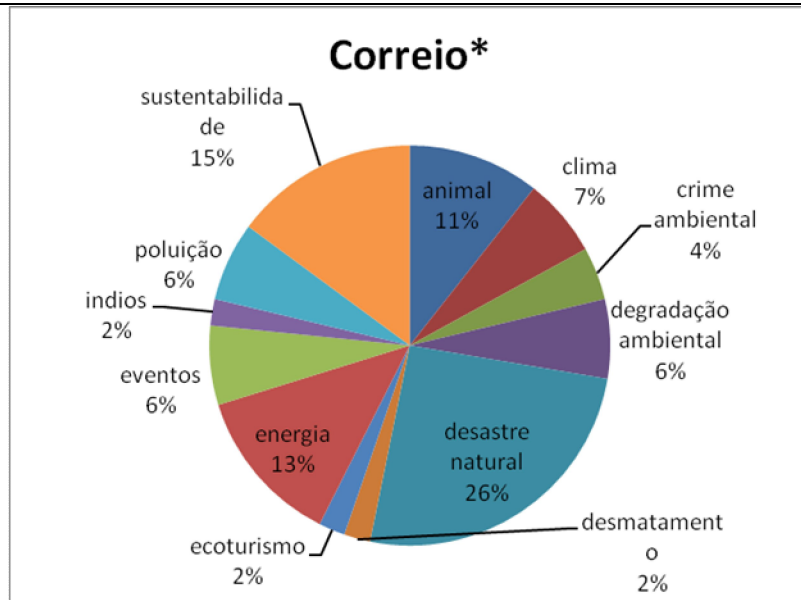
⁶ GOMES, Donaldson. 23 de Agosto de 2009, Economia, B2. Jornal A Tarde.



No jornal *Correio**, a maioria das abordagens sobre meio ambiente se deteve na cobertura de desastres naturais (26%), muitas vezes produzidos por agências de notícias, como é o caso da reportagem “O sul pede socorro”⁷. Apesar de localizada numa editoria mais aprofundada do jornal (Mais), e ocupar 1 ½ página, a reportagem somente narra os fatos ocorridos devido as chuvas no Sul do país, sem aprofundar a questão, contextualizando com a desordenada ocupação urbana e as mudanças ocorridas no clima ultimamente, por exemplo.

A questão energética também ocupa um lugar de destaque no jornal, sendo o terceiro tema mais abordado (13%), perdendo somente, além dos desastres naturais, para as matérias sobre sustentabilidade (15%). Estas abrangem as chamadas “matérias verdes”, que discorrem sobre o discurso sobre meio ambiente nos diversos setores das sociedade, como a adoção de ações sustentáveis por parte de certas empresas, ou adoção de uma política pró-sustentabilidade por candidatos políticos às eleições.

⁷ Das agências. 29 de Setembro de 2009, Mais, pg.16. Jornal *Correio**.



Considerações finais

O meio ambiente humano é um sistema composto principalmente pelas relações entre o homem e o local onde habita. No entanto, há um evidente distanciamento entre os componentes deste sistema, perceptível por uma externalização do meio ambiente, como se este fosse desvinculado do ser humano.

Por outro lado, os meios de comunicação têm a fundamental importância na compreensão do mundo hodierno, devido a sua complexidade, principalmente em grandes cidades, que demandam cada vez mais mediadores que “traduzam” os acontecimentos para os cidadãos.

Deste modo, se faz estritamente necessário que o jornalismo ambiental tenha a habilidade necessária para atender a crescente demanda de compreensão que surge da sociedade sobre o mundo que a cerca. Os jornais locais, devido ao seu poder e proximidade com a sociedade, é o palco ideal para intermediar esse entendimento indispensável entre os cidadãos e o meio ambiente.

O A Tarde, jornal com maior tiragem no estado, é bem-sucedido ao enfatizar as notícias ambientais locais, dando lugar de destaque através das suas reportagens, demonstrando deste modo, o reconhecimento da importância da temática para o seu leitor. No entanto, deixa a desejar no que se refere ao aprofundamento das matérias, quase sempre superficiais e pouco abrangentes.



O jornal *Correio** porém, apesar de tentativas isoladas como o bem-sucedido especial *Baía de Todos*⁸, ainda relega a temática ambiental a lugar secundário. Veiculando as notícias ambientais, em sua maioria, em formato de notas e dando prioridade as tragédias ambientais, o jornal peca pela superficialidade e afastamento sobre o tema.

A produção de notícias ambientais no estado, portanto, é ainda incipiente e necessita de maior aprofundamento e conhecimento da questão. Uma maior atenção dos veículos e dos jornalistas sobre a questão ambiental é urgente, pois somente com preparo e domínio das emblemáticas que envolvem o meio ambiente, se construirá uma cobertura ambiental adequada para os tempos que vivemos.

Referências

LOOSE, Eloísa Beling; PERUZZOLO, Adair Caetano. **Como o Meio Ambiente é tematizado no Discurso Jornalístico da Folha de S.Paulo**. Natal: Intercom, 2008.

OLIVEIRA DOS SANTOS, Cláudia; SCALCO SILVEIRA Tatiana. **Mídia, Água e Tradições Religiosas: O Caso do Encontro das Comunidades de Terreiro pelas Águas, em Salvador**. Natal: Intercom, 2008.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

DENCKER, Ada de Freitas; KUNSCH, Margarida M. Krohling (Orgs.). **Comunicação e Meio Ambiente**. São Paulo: Intercom, 1996.

VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça; BORTOLIERO, Simone (Orgs.). **Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: All Print Editora, 2009.

Jornal A Tarde. 2009.

Jornal Correio*. 2009

⁸ Especial produzido pela repórter Carmem Vasconcelos entre os dias 28 de Setembro e 02 de Outubro, abordando as principais questões ambientais da Baía de Todos os Santos, como a ameaça aos manguezais e o impacto causado pela implantação de uma base naval em Iguape, município componente da Baía.